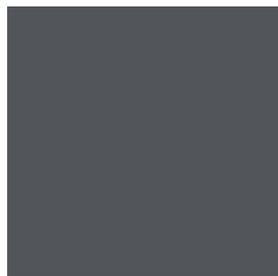


Bertha Pappenheim



Do teatro particular ao público

tradução do alemão

Julia Fatio Vasconcelos

Blucher



Bertha Pappenheim



Do teatro particular ao público

Organização e tradução

Julia Fatio Vasconcelos



Prefácio

Melinda Given Guttmann

Posfácio

Ilana Feldman

Do teatro particular ao público, Bertha Pappenheim
Série pequena biblioteca invulgar, coordenada por Paulo Sérgio de Souza Jr.
© 2023 Editora Edgard Blücher Ltda.

Publisher Edgard Blücher
Editores Eduardo Blücher e Jonatas Eliakim
Coordenação editorial Andressa Lira
Produção editorial Thaís Costa
Tradução Julia Fatio Vasconcelos
Revisão técnica Paulo Sérgio de Souza Jr.
Preparação de texto Antônio Castro
Diagramação Negrito Produção Editorial
Revisão de texto MPMB
Capa e projeto gráfico Leandro Cunha

Blucher

Rua Pedroso Alvarenga, 1245, 4º andar
04531-934 – São Paulo – SP – Brasil
Tel.: 55 11 3078-5366
contato@blucher.com.br
www.blucher.com.br

Segundo Novo Acordo Ortográfico,
conforme 5. ed. do *Vocabulário Ortográfico*
da Língua Portuguesa, Academia Brasileira de
Letras, março de 2009.

É proibida a reprodução total ou parcial por
quaisquer meios sem autorização escrita
da editora.

Todos os direitos reservados pela Editora
Edgard Blücher Ltda.

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO
NA PUBLICAÇÃO (CIP)
ANGÉLICA ILACQUA CRB-8/7057

Pappenheim, Bertha, 1859-1936
Do teatro particular ao público / Bertha
Pappenheim ; tradução de Julia Fatio
Vasconcelos. – São Paulo : Blucher, 2023.
174 p. (série pequena biblioteca invulgar)

ISBN 978-65-5506-433-9

1. Feministas – Alemanha – Biografia. 2.
Pappenheim, Bertha, 1859-1936 –
Biografia. 3. Teatro. 4. Psicanálise. I. Título.
II. Vasconcelos, Julia Fatio. III. Série

22-4508

CDD 616.85240092

Índice para catálogo sistemático:
1. Pappenheim, Bertha – Biografia

Conteúdo

“Cumpre estar pronta para o tempo e a Eternidade”: o legado de Bertha Pappenheim	9
Melinda Given Guttman	
Linha do tempo	37
Julia Fatio Vasconcelos	
Relato de Bertha Pappenheim sobre a sua doença	49
Neve de verão	57
A ninfa do lago	67
Direito da mulher: peça em três atos	73
Movimento feminista moderado e radical	127
Contra o tráfico de meninas	137
Mensagem de rádio para o senhor Wilson, presidente dos Estados Unidos	149

Os vários nomes de uma mulher **153**

Ilana Feldman

Índice onomástico **173**

“Cumpro estar pronta para o tempo e a Eternidade”: o legado de Bertha Pappenheim¹

Melinda Given Guttmann

Bertha Pappenheim se tornou uma lenda duas vezes ao longo da vida. Primeiro como Anna O., descrita por Josef Breuer em *Estudos sobre a histeria* — livro que escreveu com Sigmund Freud — como uma histérica bela, frágil e poética, “de vitalidade intelectual transbordante”, que “levava, no seio da família de tendência puritana, uma vida extremamente monótona”.² Depois, como Bertha Pappenheim: a renomada, rigorosa

1 Texto publicado na revista *On The Issues* [Sobre as questões], no outono de 1996, e gentilmente cedido pela editora e chefe de redação, Merle Hoffman, para compor este volume. As imagens aqui presentes, inseridas na edição brasileira, foram cedidas pelo Museu Judaico de Frankfurt (cujo endereço, aliás, é Bertha-Pappenheim-Platz, 1) e pelo Instituto Leo Baeck de Nova York.

2 Freud, S. (1893-1895/2016). *Estudos sobre a histeria* (Obras completas, Vol. 2) (L. Barreto, trad.). São Paulo: Companhia das Letras, p. 41 [N.T.].

e carismática líder feminista e assistente social; uma “mãe espiritual” — idolatrada por alguns como uma “santa judia” — que viajou sozinha por toda a Europa Oriental resgatando, pesquisando e publicando artigos sobre mulheres em situação de desespero (prostitutas judias, vítimas da escravidão branca, esposas abandonadas e mães solteiras).

É impressionante que as origens de duas ideias revolucionárias do século XIX — psicanálise e feminismo judaico — encontrem-se unidas na história de vida de uma mesma mulher, muitíssimas vezes esquecida ou mal interpretada pelos historiadores. A história de Bertha (1859-1936) estende-se desde os anos de grande alegria do *fin de siècle* em Viena até o terrível pesadelo da Alemanha nazista de Hitler. Ela percorreu do “teatro particular”, que a ajudou a se curar da “histeria”, ao teatro público dos círculos intelectuais, artísticos e reformistas sociais alemães do entreguerras.

Bertha Pappenheim era uma heroína na Alemanha até seu nome ser apagado durante o Holocausto. Ironicamente, um selo postal com seu rosto foi emitido em 1954 pelo antigo governo da Alemanha Ocidental como parte de uma série intitulada “Benfeitores da Humanidade”. A identidade de Anna O. só se tornou conhecida em 1953, quando Ernest Jones, biógrafo de Freud, rompeu o código de confidencialidade — uma ação abertamente contestada pelo primo de Bertha, também seu testamenteiro.

Desde então, a história de Anna O./Bertha Pappenheim tem sido repleta de mistério e controvérsia. Trabalhando em uma biografia de Bertha (considero patrilinear se referir às

mulheres pelos seus sobrenomes), passei a última década explorando o pequeno arquivo de documentos salvos pelos seus seguidores que fugiram da Europa ocupada pelo nazismo. Os papéis que sobreviveram aos bombardeios da Segunda Guerra Mundial — incluindo alguns documentos até então desconhecidos, bem como a sua produção literária, geralmente ignorada — estão espalhados em arquivos e coleções de sobreviventes.

A maioria dos intérpretes de Bertha que sabiam tanto de sua afecção quanto de seu trabalho posterior presumiram que sua vida de solteira e seu feminismo revelavam vestígios patológicos de histeria. Estudos feministas, no entanto, criaram uma “lente” fina para conciliar o que parecia ser a constante mudança de personas, papéis ou máscaras de Bertha. Revisito Bertha não como uma paciente patética, mas como uma heroína que praticou a autocura psíquica e espiritual por toda a vida, o que ajudou a dar livre curso à sua enorme criatividade e coragem para realizar o que ela chamou de “pequenos atos sagrados” em nome das mulheres.

Bertha nasceu em 1859 em Viena. Breuer a retratou como uma jovem encantadora, espirituosa e delicada de 21 anos, aninhada no meio abastado e protetor da alta burguesia judia ortodoxa. Ela era pequena, tinha 1,50 m de altura, cabelos escuros e olhos azuis brilhantes. Breuer, um renomado médico e pesquisador que frequentava os círculos intelectuais, também atendia como médico de família para famílias prestigiadas. Ele foi chamado pela primeira vez para ver Bertha

porque ela estava com uma tosse persistente e a família temia que ela tivesse contraído a tuberculose de seu pai. Embora Breuer tenha diagnosticado a tosse como “histeria”, uma enfermidade que a maioria dos médicos da época tratava com desdém, ele não a abandonou. Foi atraído por essa jovem que ele descreveu com uma “vitalidade intelectual transbordante”, com um “rico talento poético” e com o “dom da fantasia”.³ Rapidamente, porém, Bertha ficou acamada com sintomas graves, incluindo paralisia de três membros, distúrbios de linguagem e alucinações terríveis com serpentes e cabeças de caveira, que começaram a aparecer enquanto se dedicava aos árduos e diligentes cuidados do amado pai.

Breuer começou a atender Bertha todos os dias em sua casa e depois em um sanatório. O trabalho deles começou com ela entrando em um transe auto-hipnótico e contando a Breuer “contos de fadas” que ela chamava de seu “teatro particular”.⁴ Com cada “conto de fadas”, Bertha experimentava alívio de sua angústia, sentindo-se calma e alegre. Por quase dois anos, de 1880 a 1882, Breuer e Bertha mergulharam em um método de cura pioneiro. O ato de fé de Breuer em levar sua paciente a sério foi, por si só, um rompimento com seus colegas.

Por um acaso, Breuer notou que, quando estava atento e repetia palavras que Bertha murmurava, ela se acalmava. A certa altura, os dois descobriram um método único de se

3 Freud, S. (1893-1895/2016). *Estudos sobre a histeria* (Obras completas, Vol. 2) (L. Barreto, trad.). São Paulo: Companhia das Letras, pp. 40-41 [N.T.].

4 Freud, S. (1893-1895/2016). *Estudos sobre a histeria* (Obras completas, Vol. 2) (L. Barreto, trad.). São Paulo: Companhia das Letras, p. 41 [N.T.].

relacionar. Breuer repetia uma frase ou uma palavra que pareciam carregadas de sentido, e ela começava a lhe contar um conto de fadas. Bertha havia, de fato, atraído Breuer para o seu “teatro particular”. Ela chamava esse processo de *talking cure* [cura pela fala], quando estava séria, e de *chimney sweeping* [limpeza de chaminé], quando estava brincando.⁵

A atenção de Breuer para com sua paciente enferma era incomum numa época em que a maioria dos médicos que tratava a “afecção histérica” partia do pressuposto de que a histérica era uma impostora que usava sua afecção para se livrar do papel de filha abnegada, se tornar o centro das atenções e exercer poder sobre a família. Em vez disso, Breuer observava que Bertha era sempre honesta e possuía um intelecto vigoroso que precisava assimilar “um sólido alimento espiritual”.⁶ Ela tinha domínio do inglês, do francês e do italiano, e se mostrou promissora como artista e escritora na exclusiva escola católica de aperfeiçoamento para moças que ela frequentou, pois na cidade de Viena não havia escolas para meninas judias. No entanto, foi legalmente impedida, em Viena, de seguir no ensino superior devido ao fato de ser mulher. O judaísmo ortodoxo também considerava o trabalho acadêmico um âmbito exclusivo dos homens. O estímulo intelectual que ela almejava foi-lhe duplamente negado. Mais tarde, Bertha escreveu sobre o assunto: “Até agora, a concepção comum que

5 Freud, S. (1893-1895/2016). *Estudos sobre a histeria* (Obras completas, Vol. 2) (L. Barreto, trad.). São Paulo: Companhia das Letras, p. 53 [N.T.].

6 Freud, S. (1893-1895/2016). *Estudos sobre a histeria* (Obras completas, Vol. 2) (L. Barreto, trad.). São Paulo: Companhia das Letras, p. 40 [N.T.].

se tem da mulher consignou as filhas de famílias de classe alta a uma esfera educacional na qual elas são ‘aperfeiçoadas’ — um termo utilizado justamente em [...] um sentido irônico”.

Atenta, de forma ostensiva, às luzidias convenções de jovem mimada e abastada, Bertha viveu, de fato, os contos de fada de sua imaginação. Foi se conectando com eles que Breuer fora capaz de ajudá-la a se curar. Nenhum enredo ou nenhuma imagem de seus contos foi anotado no histórico clínico de Breuer, mas as coletâneas de Bertha chamadas *Kleine Geschichten für Kinder* [*Pequenas histórias para crianças*] (1888) e *In der Trödelbude* [*Na lojinha de bugigangas*] (1890) provavelmente se assemelham com a efusão de seu “teatro particular”.⁷ Os temas de suas primeiras fábulas concerniam certamente à transformação simbólica de seu eu. Na lojinha de bugigangas, por exemplo, vários objetos defeituosos (um pedaço de renda, uma caixa de música, um moador de café) curam-se de experiências dolorosas oferecendo as suas histórias para os objetos ao redor, em uma “cura pela fala” comunitária.

De acordo com o histórico clínico de Breuer, Bertha aparentemente se curou em junho de 1882. Há um mito persistente de que, após o tratamento, ela anunciou que seus sintomas haviam sido fabricados, e que Breuer a abandonou com uma gravidez histérica enquanto ela gritava “o bebê de B. está vindo!”. Essas histórias foram postas em questão pelos estudos

7 Cf. respectivamente: [anônimo] (1888). *Kleine Geschichten für Kinder*. Karlsruhe: Druck der G. Braun’schen Hofbuchdruckerei; Berthold, P. [pseud.] (1890). *In der Trödelbude. Geschichten*. Lahr: Moritz Schauenburg, Lahr [N.E.].

recentes de Henri Ellenberger⁸ e Albrecht Hirschmüller⁹. O que eles descobriram foi que Bertha passou seis anos, até 1887, indo e voltando de sanatórios — o Bellevue, de Binswanger, na Suíça (onde ela se tornou viciada em morfina); e o de Fries e Breslauer, em Inzersdorf (com sintomas histéricos recorrentes) — onde, em nome da intervenção psiquiátrica, enguias elétricas foram aplicadas em seu rosto, choques elétricos foram disparados em seu corpo e ela foi tratada com arsênico.

Aos 29 anos, Bertha emergiu do âmago do sofrimento pessoal com energia reluzente, compaixão e perspicácia. Ela renasceu ou se reinventou. O conteúdo de seu “teatro particular” foi transformado; a única marca de seu longo período de sofrimento era o seu cabelo, que ficou branco prematuramente. Bertha e a mãe mudaram-se de Viena para o local de nascimento da mãe, em Frankfurt, onde a presença fascinante de Bertha, sua sagacidade e sua inteligência afiada impeliram seu círculo próximo de parentes abastados e distintos — os Goldschmidt, os Warburg e os Rotchschild — a orientá-la na direção do trabalho filantrópico. Ela era adorada também pelo seu amor pela beleza, típico de Viena: especialmente a música, a ópera, a tecelagem e a coleção de rendas raras e objetos de arte antigos. Além disso, começou a publicar contos de fadas e se tornou publicamente conhecida como autora.

8 Ellenberger, H. (1970/no prelo). *A descoberta do inconsciente: história e evolução da psiquiatria dinâmica* (P. S. de Souza Jr., trad.). São Paulo: Perspectiva [N.E.].

9 Hirschmüller, A. (1978). *Physiologie und Psychoanalyse in Leben und Werk Josef Breuers* [Fisiologia e psicanálise na vida e na obra de Josef Breuer]. Bern: Verlag Hans Huber [N.E.].

A afecção histórica de Bertha serviu para o que Henri Ellenberger chama de “afecção criativa”, talvez similar à “noite escura da alma” experimentada pelos místicos¹⁰ e à “loucura iniciática” dos xamãs. Ela emergiu de sua provação transformada não somente com sua força de se curar, mas com a paixão de curar os outros.

Emergência como ativista

Bertha começou sua transformação completa em feminista pioneira e assistente social aos 36 anos. Em 1895, tornou-se a responsável por um orfanato judaico. Cinco anos depois, organizou um clube de moças, uma creche judaica e um clube de costura. Ela criou uma organização de assistência social mais ampla para mulheres e crianças em Frankfurt, chamada Weibliche Fürsorge [Assistência à Mulher], em 1902. Durante o mesmo período, Bertha, escandalizando a sensibilidade de seus colegas judeus-alemães assimilacionistas, viajou pela Europa Oriental resgatando, pesquisando e publicando artigos sobre vítimas de *pogroms* — durante os quais os seios das mulheres eram amputados e as meninas eram estupradas na frente de suas mães —, escravidão branca, e a situação precária de esposas judias abandonadas (as *agunot*)¹¹ e mães solteiras.

10 Cruz, S. João da. (séc. 16/2019). *Noite escura da alma* (A. C. de Souza, trad.). Curitiba. VSFortes [N.E.].

11 Na tradição judaica, *agunah* (עגונה) é uma mulher cujo marido desapareceu. Não sendo viúva nem divorciada, ela não pode se casar de novo, ficando presa ao matrimônio contraído [N.E.].

Em 1904, com 45 anos, influenciada pelas feministas cristãs, foi a criadora visionária e cofundadora do célebre Jüdischer Frauenbund [Federação de Mulheres Judias], a primeira organização nacional de mulheres feministas judias, na qual permaneceu como presidenta e líder carismática por vinte anos. A história das campanhas realizadas por elas foi publicada pela primeira vez por Marion Kaplan, uma acadêmica extraordinária.¹² Com seguidoras dedicadas, 50 mil alemãs judias, Bertha lutou pela igualdade política, econômica e religiosa para todas as mulheres judias, que eram consideradas duplamente inferiores: primeiro sob a lei patriarcal ocidental e segundo sob a lei judaica ortodoxa. Ela proclamou, com seu conhecido humor sarcástico, que “se houvesse justiça no mundo, as mulheres seriam as legisladoras e os homens teriam de ter os bebês”.

Sua mãe morreu em 1905, e após um longo período de luto, Berta ficou livre para viajar por todo o mundo por períodos prolongados — sua fama internacional aumentou como resultado de suas cruzadas morais. Aos 50 anos, em 1907, ela concretizou sua visão ideológica feminista ao estabelecer um lar para moças desgarradas perto de Neu-Isenburg.¹³

12 Kaplan, M. (1979). *The Jewish Feminist Movement in Germany: The Campaigns of the Jüdischer Frauenbund, 1904-1938* [O movimento feminista judeu na Alemanha: as campanhas do Jüdischer Frauenbund, 1904-1938]. Westport: Greenwood [N.E.].

13 O local foi escolhido a dedo, já que o estado em que se situa, Hesse, ficava bem na fronteira com a Prússia e possuía leis consideravelmente mais brandas para as pessoas em vulnerabilidade social [N.E.].

O lar da
Federação
de Mulheres
Judias em
Neu-Isenburg
(c. 1930). ©
Museu Judaico
de Frankfurt



Crianças e
cuidadoras da
Casa II do lar
de Isenburg
(1937). ©
Instituto Leo
Baeck de Nova
York



Crianças e
cuidadoras da
Casa IV do lar
de Isenburg
(1937). ©
Instituto Leo
Baeck de Nova
York





Crianças brincando no lar de Isenburg (c. 1930). © Museu Judaico de Frankfurt



Residentes do lar numa excursão a Wiesbaden (1926). © Museu Judaico de Frankfurt



Anúncio do lar (c. 1935). © Museu Judaico de Frankfurt

Durante seu mandato como diretora, mais de 2 mil mulheres e crianças se beneficiaram de sua maternidade espiritual. O lar protegeu e educou garotas judias, mulheres jovens e seus filhos, que se encontravam às margens da sociedade, sem esperança. Ela escreveu: “Isenburg é um começo. Ele simboliza e dá continuidade ao trabalho das mulheres judias, e faz parte daquelas leis e daqueles segredos que nós podemos humildemente chamar de ‘divinos’”.

Bertha publicou seu livro mais conhecido, *Sisyphus-Arbeit* [*Trabalho de Sísifo*], em 1912, descrevendo a angústia das mulheres judias na Galícia e no Oriente Médio.¹⁴ Ela se identificava com a figura mitológica de Sísifo em sua luta contínua de empurrar para cima a pedra da fé sobre a montanha do preconceito, repetidas vezes, para libertar a mulher judia, a despeito das derrotas desoladoras. Ela permaneceu diretora do lar por 28 anos.

Sua liderança política era conscientemente uma extensão da mestria de sua “cura pela fala”. Ela escreveu:

Sem imaginação, é completamente impossível organizar qualquer coisa [...] o aspecto criativo da organização, ao que me parece, contém um elemento artístico. O sucesso significa tanto para mim, em termos humanos, que preciso reagir com certo ódio perante o

14 Pappenheim, B. (1912/1924). *Sisyphus-Arbeit. Reisebriefe aus den Jahren 1911 und 1912* [Trabalho de Sísifo: cartas de viagem dos anos de 1911 e 1912]. Leipzig: Linder. O texto se encontra republicado em: Heubach, H. (org.) *Sisyphus: Gegen den Mädchenhandel – Galizien. Bertha Pappenheim, die Anna O.* Freiburg im Breisgau: Kore, 1992 [N.E.].

desmembramento de uma organização que vislumbrei ou desejei, como um pintor ou escultor que vê destruída a sua obra.

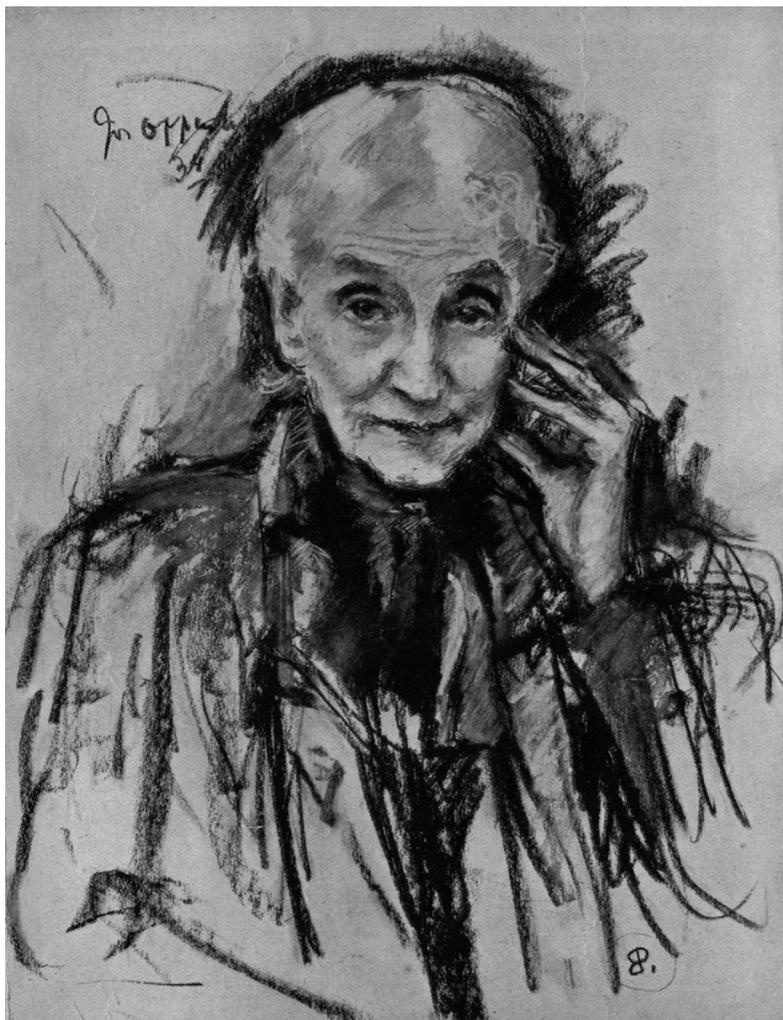
A dinâmica que unifica as personas aparentemente contraditórias de Bertha, suas criações políticas e artísticas, sua vida interior e seu estar-no-mundo, é a sua contínua autocura por meio de seus atos imaginativos, que foram extensões e variações de sua *talking cure* original. Ao moldar sua vida imaginativa na arte, Bertha ganhou o que James Hillman chama de “um tipo particular de autoconhecimento que está além do eu”, “com o qual vem um forte senso de destino. Nesse sentido, a imaginação fornece um sólido embasamento moral”.¹⁵

Velhice atroz

“É tragédia ou dádiva ser velha e envelhecer?” — refletiu Bertha, aos 69 anos, no aniversário do clube de meninas que ela formara 25 anos antes.

É uma tragédia quando nos damos conta das coisas que ainda queremos, que ainda são como molduras a serem preenchidas; mas, em alguns momentos, envelhecer é uma dádiva [...] quando sentimos que não passamos pelas coisas grandiosas sem por elas nos interessarmos — nesse momento, sinto a dádiva.

15 Thomas Moore citado por Hillmann, J. (1990). *The Essential James Hillman: A Blue Fire*. London / New York: Routledge, p. 50 [N.E.].



Bertha Pappenheim aos 75 anos de idade, desenhada por Joseph Oppenheimer (1876-1966). © Instituto Leo Baeck de Nova York

A cura pela fala, que teve início ainda no século XIX, com “Anna O”, feito uma espécie de Sherazade, criando contos de fadas que diminuía os efeitos da histeria — contos que a ajudaram a se curar e permitiram que Breuer desenvolvesse seus métodos terapêuticos —, continuou também durante a vida posterior de Bertha Pappenheim. Foi falando, inventando narrativas, peças de teatro, discursos e conversando com mulheres de todas as classes e origens, que ela reinventou a própria história e transformou a de tantas outras. Imaginar mundos pode parecer uma fuga, mas, na realidade, é um caminho para o reconhecimento de si e do outro e para o enfrentamento do que parece insolúvel.

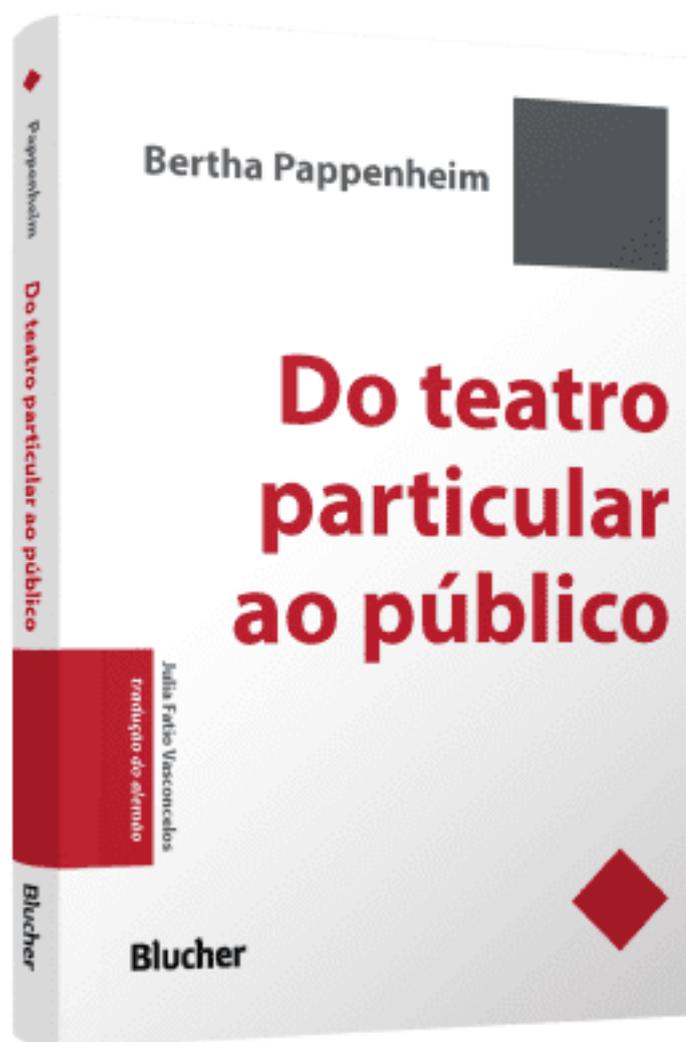
Noemi Jaffe



www.blucher.com.br

**pequena
biblioteca
invulgar**

Blucher



Clique aqui e:

[VEJA NA LOJA](#)

Do teatro particular ao público

Bertha Pappenheim

ISBN: 9786555064339

Páginas: 174

Formato: 14 x 21 cm

Ano de Publicação: 2023
